

# Capacitação e parcerias norte/sul na área da saúde – o caso do projeto UDI-A

*North / South capacity building and partnerships in health - the case of the UDI-A project*

## António Carvalho

GHTM, Centro Colaborador da OMS para Políticas e Planeamento da Força de Trabalho em Saúde, NOVA-IHMT, UNL, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

## Paulo Ferrinho

GHTM, Centro Colaborador da OMS para Políticas e Planeamento da Força de Trabalho em Saúde, NOVA-IHMT, UNL

## Isabel Craveiro

GHTM, Centro Colaborador da OMS para Políticas e Planeamento da Força de Trabalho em Saúde, NOVA-IHMT, UNL

## Resumo

O projeto “University Development and Innovation – Africa (UDI-A)” é um consórcio liderado pela Universidade NOVA de Lisboa em parceria com instituições académicas europeias e africanas e que visa melhorar o currículo académico e científico de quatro Universidades – duas em Angola e duas em Moçambique - e capacitá-las para o empreendedorismo social.

Este artigo visa compreender as experiências, motivações e críticas dos académicos africanos (designados como *Champions*), valorizando as vozes dos participantes do Sul Global, cujas narrativas são frequentemente ignoradas pela literatura sobre capacitação e parcerias.

Os dados apresentados neste artigo foram recolhidos entre março e abril de 2018 através de metodologias e técnicas qualitativas (participação observante, entrevistas semi estruturadas, um grupo focal e análise documental) de recolha de dados junto de todos os *Champions* associados ao setor da saúde.

As entrevistas e grupo focal foram transcritos na íntegra e foi realizada uma análise de conteúdo temática das transcrições. Os resultados indicam que as motivações iniciais dos *Champions* estão relacionadas com a combinação das áreas da investigação, docência e empreendedorismo, mas também a possibilidade de se estabelecerem parcerias e projetos de intervenção comunitária. Em termos da experiência, o contacto com metodologias de ensino inovadoras foi reconhecido pelos *Champions* como uma mais valia.

Na conclusão são apresentadas algumas propostas para a reconfiguração dos exercícios de capacitação.

## Palavras Chave:

Capacitação, parcerias norte/sul, mobilidade internacional, académicos africanos, Angola, Moçambique, Portugal.

## Abstract

UDI-A is a consortium led by NOVA University of Lisbon in partnership with European and African institutions which aims at improving the scientific and academic profile of four Universities – two in Angola and two in Mozambique -, with a strong emphasis on social entrepreneurship.

This article aims at understanding the experiences, motivations and criticism of African participants (*Champions*), valuing the voices of participants from the Global South, whose narratives are often overlooked by scholarly work on capacity building and partnerships.

This article presents data collected between March and April 2018, resorting to qualitative methodologies (participant observation, semi-structured interviews, a focus group and content analysis) put in place to analyze the experiences of

The interviews and the focus group were fully transcribed and the transcripts were analyzed through thematic analysis. The results indicate that the early motivations of *Champions* are manifold, encompassing research, teaching and entrepreneurship, as well as the possibility of developing research partnerships and community-based intervention projects. The contact with innovative teaching methods was recognized by *Champions* as a positive aspect.

In the conclusion we provide some suggestions on how to reconfigure capacity building exercises.

## Key Words:

Capacity building, north/south partnerships, international mobility, African Academics, Angola, Mozambique, Portugal.

## Introdução

Neste artigo realizamos a análise de processos de capacitação e construção de parcerias no âmbito do projeto “University Development and Innovation – Africa (UDI-A)”, financiado pelo programa Erasmus+, que visa capacitar acadêmicos de universidades africanas (em Angola e Moçambique) através de colaborações com universidades europeias. As parcerias equitativas são atualmente uma das linhas de investigação da NOVA-IHMT, pelo que o projeto UDI-A se constitui como uma oportunidade única para analisar como é que, na prática, se desenvolvem as parcerias.

O objetivo principal deste artigo é compreender as experiências, motivações e críticas dos *Champions*, constituindo-se como uma oportunidade de dar voz aos participantes do Sul Global, cujas narrativas são frequentemente ignoradas pela literatura sobre capacitação e parcerias.

Através da análise das metodologias e processos utilizados para sustentar os processos de parcerias e capacitação e dos discursos dos participantes africanos da área da saúde providenciamos uma reflexão provisória e a montante do UDI-A, com base em dados de uma fase relativamente inicial do projeto, mas que facultam indicadores pertinentes para acompanhar a construção de parcerias Norte/Sul e que podem servir de base para um processo de reflexividade para a direção do projeto.

Na secção “Parcerias, capacitação e limitações” fazemos uma contextualização da literatura atual sobre parcerias e capacitação, indicando algumas das críticas e limitações frequentemente associadas a estes exercícios; na secção “O projeto UDI-A” apresentamos em maior detalhe o projeto UDI-A assim como a metodologia subjacente ao estudo de caso desenvolvido pela equipa da NOVA-IHMT; em “Materiais e Métodos” exploramos em detalhe o leque de metodologias qualitativas recrutadas no âmbito do estudo de caso; na secção “Resultados” apresentamos os resultados do estudo desenvolvido, recorrendo a excertos de entrevistas e do grupo de discussão para refletir acerca das expectativas, mais valias e críticas dos participantes; na discussão e conclusões fazemos algumas sugestões que podem fortalecer os processos de construção de parcerias assim como os exercícios de capacitação.

## Parcerias, capacitação e limitações

As parcerias de investigação são, atualmente, um aspeto inalienável dos debates sobre Saúde Global e adquiri-

ram uma dimensão transversal que abrange áreas como a ciência, tecnologia e saúde, levantando questões políticas, éticas e metodológicas. [1, 2, 3, 4] O Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 17 está explicitamente focado nas parcerias de investigação, abrangendo aspetos como a transferência tecnológica e a capacitação. No que diz respeito à transferência tecnológica, o ODS 17 visa:

*“Melhorar a cooperação Norte-Sul, Sul-Sul e triangular ao nível regional e internacional e o acesso à ciência, tecnologia e inovação, e aumentar a partilha de conhecimento em termos mutuamente acordados, inclusive através de uma melhor coordenação entre os mecanismos existentes, particularmente no nível das Nações Unidas, e por meio de um mecanismo de facilitação de tecnologia global.”* [5]

As Nações Unidas reconhecem o potencial impacto positivo das parcerias de investigação para o desenvolvimento sustentável, assim como a sua relação com todos os outros ODS, já que a prática científica e a inovação estão crescentemente dependentes do desenvolvimento de equipas e consórcios multidisciplinares entre diversos países. No entanto, a literatura existente sobre parcerias de investigação tem identificado uma série de limitações que questionam o seu papel na mitigação das desigualdades Norte/Sul. De facto, existe até a tendência de caracterizar as parcerias como uma forma de colonialismo por outros meios [6], na medida em que reforçam a hegemonia epistemológica do Norte Global, colocando os grupos alvo de capacitação num estado de permanente subalternidade que exige uma constante intervenção. [7]

Algumas das críticas frequentemente elencadas na literatura sobre as parcerias incluem os seguintes aspetos: as parcerias de investigação não têm em consideração as prioridades locais, já que a agenda é definida pelo Norte Global; os investigadores do Sul Global são considerados como meros especialistas no terreno que apenas permitem o acesso a populações ou material biológico relevante; os investigadores do Sul não participam devidamente nas discussões científicas que levam ao desenvolvimento dos projetos e protocolos de investigação nem são incluídos enquanto coautores nos artigos resultantes das colaborações; as populações e instituições do Sul não obtêm benefícios concretos das parcerias e apenas são “utilizadas” para a preparação de candidaturas a financiamento competitivo, que habitualmente exigem a participação de instituições do Sul. [8, 9, 10, 2]

Tendo em conta estes problemas e limitações, nos últimos vinte anos têm sido desenvolvidas recomendações, regulamentos éticos e até ferramentas de adequação que incidem sobre as parcerias de investigação transfronteiriças. [11] Até à data, o esforço mais operativo para implementar uma maior equidade nas parcerias Norte/Sul foi desenvolvido pelo Council on Health Research for Development (COHRED), uma Organização Não Governamental (ONG) da Suíça que desenvolveu a Iniciativa para a Equidade na Investigação (*Research Fairness Initiative* - RFI). O RFI é uma ferramenta baseada em evidências que aprecia como uma determinada instituição atua no âmbito das parcerias, incidindo sobre aspetos ligados às oportunidades, processos e partilha de benefícios, custos e resultados. [12] A NOVA-IHMT foi a primeira instituição no mundo lusófono a implementar o RFI, tendo tido um papel fundamental na advocacia do RFI junto da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) [6] e, como mencionámos anteriormente, para a NOVA-IHMT as parcerias equitativas são atualmente uma prioridade de investigação. Associadas às parcerias de investigação estão também formas de capacitação. O ODS 17 inclui uma alínea sobre a capacitação, propondo-se o seguinte:

*“Reforçar o apoio internacional para a implementação eficaz e orientada da capacitação em países em desenvolvimento, a fim de apoiar os planos nacionais para implementar todos os objetivos de desenvolvimento sustentável, inclusive através da cooperação Norte-Sul, Sul-Sul e triangular.”.* [5]

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a capacitação está associada ao fortalecimento e desenvolvimento de recursos humanos e institucionais. [13] Trata-se de um conceito nem sempre fácil de definir: no caso da saúde está associado à formação de recursos. [14] As parcerias de investigação frequentemente têm uma dimensão de capacitação associada à formação de quadros em saúde.

Ao longo dos últimos 30 anos têm sido desenvolvidos vários programas de capacitação nas mais diversas áreas, incluindo dimensões técnicas, administrativas e de investigação, promovidos por diversas ONGs, o Banco Mundial e as Nações Unidas. Existem também instituições e agências de financiamento, como a Comissão Europeia e a Parceria de Estudos Clínicos Europeus e em Desenvolvimento (EDCTP) que apoiam programas de capacitação. [15] Como iremos ver de seguida, o projeto UDI-A combina tanto uma dimensão de parcerias como de capacitação, apesar de

o material empírico que recolhemos indicar que por vezes ocorreu uma tensão entre estes dois aspetos.

## O projeto UDI-A

O caso sobre o qual incide este estudo diz respeito ao projeto UDI-A, com a duração de dois anos e início no último trimestre de 2017. Trata-se de um consórcio coordenado pela Universidade NOVA de Lisboa e que envolve parceiros em Angola e Moçambique (dois parceiros por país) e instituições académicas europeias - Kings College London, Maastricht University, Université libre de Bruxelles.

Existem quatro principais áreas académicas de intervenção associadas ao projeto: economia e gestão; construção e infraestruturas; ciências médicas; humanidades e ciências sociais. O projeto desenvolveu um programa de capacitação internacional com vista a atualizar os conhecimentos de staff académico e não académico de Angola e Moçambique em instituições europeias, incidindo em aspetos pedagógicos, ferramentas científicas e transversais. Foi desenvolvida uma abordagem interdisciplinar ao empreendedorismo e inovação sociais e o projeto irá levar à criação de Centros para o Desenvolvimento Académico e Inovação (CADIs) que serão o motor da capacitação académica e social ambicionada pela iniciativa.

Os participantes do Sul no projeto são designados como *Champions*, ilustrando o seu potencial papel de transformação institucional e social. Cada instituição africana selecionou 10 *Champions* (8 académicos das quatro áreas científicas acima mencionadas e 2 não-académicos) para participarem no programa de capacitação internacional; os *Champions* estarão a cargo do desenvolvimento dos CADIs, assim como do recrutamento de membros juniores dos CADIs – o objetivo é permitir tanto aos juniores como aos *Champions* que atualizem os currículos dos módulos que têm a seu cargo assim como o desenvolvimento de projetos de investigação colaborativos. O facto de o projeto incidir sobre inovação social e empreendedorismo visa a colaboração entre *Champions*, juniores e atores-chave locais, ambicionando-se a criação de projetos com impactos concretos nas comunidades locais.

No primeiro semestre de 2018 o projeto incluiu a viagem de *Champions* para instituições europeias, no âmbito do programa de capacitação internacional. Cada uma das instituições tinha a seu cargo uma das

quatro áreas de intervenção previamente mencionadas, o que levou à separação dos *Champions* em quatro grupos distintos.

## Materiais e métodos

A equipa da NOVA-IHMT desenvolveu um estudo de caso com o objetivo de analisar as dimensões práticas, narrativas e epistemológicas das iniciativas de capacitação e construção de parcerias, reconhecendo que o projeto UDI-A é uma oportunidade única para acompanhar e refletir criticamente acerca destes processos em tempo real. O estudo de caso visa explorar cinco temas: a) a capacitação na prática; b) imaginários da capacitação; c) impactos da capacitação; d) a construção de parcerias; e) explorações teóricas em torno da “capacitação” e “parcerias”.

Tendo em conta que trabalhamos na área da Saúde Global, o estudo centrou-se exclusivamente no grupo dos sete *Champions* da área da saúde, tendo sido todos convidados a participar e tendo aderido ao estudo todos os participantes do UDI-A da área científica da saúde. No quadro seguinte apresentamos as principais características dos participantes, destacando a variabilidade dos graus académicos dos participantes – um com Doutoramento e um com Licenciatura e todos os restantes com Mestrado.

Os resultados apresentados neste artigo dizem respeito à primeira fase de recolha de dados, conduzida entre março e abril de 2018, durante a estadia destes

participantes em Portugal para início do projeto.

As técnicas utilizadas incluíram observação participante durante reuniões do projeto e workshops em Lisboa, entrevistas semiestruturadas e um grupo de discussão com os *Champions*, e a análise de material escrito relevante associado ao projeto.

O guião das entrevistas incidiu no percurso académico dos *Champions* e nos 5 temas previamente elencados que o estudo de caso visa explorar. Outros temas foram introduzidos pelos participantes dado o caráter interativo das entrevistas. O grupo de discussão foi organizado no seguimento das entrevistas e preparado em função das experiências que os *Champions* partilharam. No final foi pedido aos participantes que imaginassem o regresso aos seus países e que as suas instituições lhes pedissem que apresentassem projetos/ planos concretos para incorporar as experiências das parcerias com as instituições europeias, identificando prioridades, as possibilidades reais para colocar em prática as competências adquiridas no projeto, dificuldades de implementação e eventuais parcerias a desenvolver.

Todas as entrevistas e o grupo de discussão foram gravados e transcritos na totalidade. As transcrições foram anonimizadas e analisadas recorrendo a uma análise de conteúdo temática [16] processo que nos permite interpretar dados qualitativos por meio de codificação em temas. A codificação foi realizada por dois dos três coautores após as transcrições estarem completas. A análise de conteúdo foi manual, com identificação dos temas relevantes e depois de uma

reunião entre os coautores, aqueles foram validados, à luz de nossas experiências durante as entrevistas, o grupo focal e as diferentes reuniões do projeto.

Foi preparado um formulário de consentimento informado com indicação dos objetivos do estudo de caso, que foi assinado por todos os participantes. O protocolo foi submetido e aprovado pelo Conselho Ético da NOVA-IHMT.

## Limitações

As metodologias qualitativas

**Quadro 1-** Caracterização sociodemográfica dos participantes no estudo

Nacionalidade do participante	Idade	Sexo (F / M)	Área científica / docência de trabalho atual	Grau académico / área
Moçambique	26	F	Optometria e saúde visual	Mestrado (Optometria)
	27	M	Ciências Farmacêuticas	Mestrado (Ciências Farmacêuticas)
	39	F	Biotechnologia (Fisiologia)	Mestrado (Biotechnologia)
	38	M	Química	Doutoramento (Ciências)
Angola	24	F	Fisiologia	Licenciatura (Medicina)
	26	M	Patologia	Mestrado (Medicina Geral)
	41	M	Biologia e genética	Mestrado (Ciências Médicas)

Fonte: dados primários recolhidos no âmbito do estudo.

colocadas em prática pela equipa do Global Health and Tropical Medicine (GHTM) permitiram analisar as experiências dos *Champions* na primeira pessoa, numa fase ainda inicial do projeto UDI-A. Nesse sentido, os resultados apresentados nesta secção são ainda provisórios e não permitem uma apreciação sistemática dos processos de capacitação e de construção de parcerias no âmbito do UDI-A. No entanto, e apesar destas limitações, os dados recolhidos são úteis para refletir acerca de três temas que percorreram as narrativas partilhadas pelos *Champions*: as suas expectativas e motivações iniciais; as vantagens e mais valias da capacitação; as limitações do programa de capacitação internacional levado a cabo no início de 2018. Estes grandes temas, identificados através do processo de codificação, fornecem pistas interessantes para repensar alguns dos procedimentos e práticas associados aos programas de capacitação e, como iremos argumentar na conclusão, reforçam o próprio projeto UDI-A, no sentido em que permitem uma apreciação em tempo real das experiências dos *Champions*, influenciando a própria direção do projeto e aumentando o seu potencial impacto.

## Resultados

### *Expectativas e motivações*

As principais motivações pessoais apontadas pelos *Champions* foram: o desenvolvimento de ferramentas científicas e pedagógicas, o estabelecimento de parcerias com instituições europeias assim como a possibilidade de adquirirem conhecimentos sobre empreendedorismo social, de forma a aumentarem o impacto do seu trabalho e instituições. No que diz respeito às motivações institucionais, os CADIs foram frequentemente mencionados como uma forma de suplantar alguns dos problemas associados ao cenário de Investigação e Desenvolvimento em Angola e Moçambique.

O facto de o projeto combinar as áreas da investigação, docência e empreendedorismo despertou motivação nos *Champions* para participarem na iniciativa:

*“Vou lá aumentar os meus conhecimentos na área de investigação. E também vou ter mais conhecimento na área da ...da docência, porque eu preciso. Para preparar as aulas práticas, e também, quem sabe? Vou conseguir, talvez, dentro da área procurar alguns inputs para ter essa...essa visão na área de empreendedorismo.”*(C4)

Já as dimensões de gestão, associadas à organização de cursos universitários, também foram consideradas relevantes, assim como a possibilidade de se estabelecerem

parcerias e levar a cabo projetos de intervenção:

*“As [expectativas] iniciais eram ter conhecimentos de gestão. Queria saber mais ou menos como gerir um curso. Como ter ideias para melhorar o retorno académico e também queria saber como realizar projetos de intervenção. As expectativas eram boas. Esperava realmente conseguir voltar ao meu país com um conhecimento amplo acerca de vários temas relacionados com saúde. Esperava receber aqui, pelo menos, dividir contactos ou ligações com pessoas que pudessem apoiar (...) através da troca de experiências em certas áreas de interesse.”* (C2)

Todos os participantes no projeto trabalham como docentes universitários em Angola ou Moçambique. Tendo em conta a sua situação de investigadores e docentes, o projeto UDI-A introduziu os *Champions* a uma inovação pedagógica – *Problem Based Learning* (PBL) – que contrasta com a metodologia clássica, essencialmente expositiva. A transformação do sistema de ensino foi uma motivação frequentemente apontada pelos *Champions*:

*“Eu sou mais sonhadora, então eu acho que eu gostaria de mudar a forma como é feito o ensino, porque como eu estudei ali eu sei que se a pessoa não tiver uma grande força de vontade, estudo individual, procurar outras formas de aprendizagem e não só as que dão na instituição, fica muito difícil, fica muito limitada. O estudante fica muito limitado.”* (C5)

Segundo este *Champion*, a introdução de uma inovação pedagógica como o PBL poderia melhorar substancialmente a qualidade do ensino. No entanto, e apesar de os aspetos pedagógicos e as ferramentas transversais terem sido referidas pelos *Champions* enquanto aspetos positivos, no grupo de discussão estes afirmaram perentoriamente que a principal motivação era melhorar a área da investigação e inovação:

*“Este é o nosso principal foco: investigação científica e inovação. Aí na inovação tem a componente social que certamente responderá às informações de empreendedorismo social que a gente deve ... terá, de certa forma, alguma aplicabilidade, mas o principal foco: investigação científica.”* (C1)

Esta motivação tinha também uma forte componente institucional, dado que os *Champions* reconheceram a necessidade de melhorar significativamente o contexto de Inovação e Desenvolvimento dos seus países e instituições. Nesse cenário, a criação dos CADIs assume-se como uma possibilidade de melhoria dos processos de investigação científica:

*“Um dos objetivos da minha instituição na criação deste centro de desenvolvimento é para a investigação e inovação e a área de inovação está vinculada, direcionada fundamentalmente a projetos de impacto social ou impactos sociais. Em parceria com as universidades cá e por iniciativa dos líderes das instituições estamos nesse desafio de propormos a criação de um*

*órgão visando essencialmente a investigação científica dentro da instituição.” (C1)*

O seguinte *Champion* reconhece que através do UDI-A esse déficit ao nível da investigação poderia ser superado, identificando nas parcerias uma forma da sua instituição ser reforçada:

*“Bem, no meu país primeiro vou começar a dizer que se faz investigação. Na minha ótica faz-se investigação, mas deficiente. Deficiente, porque eu acredito que investigação envolve muitos recursos. Partindo de base que estamos falando de uma instituição nova, uma instituição que ainda precisa de crescer e ganhar muita experiência, eu acredito que essa parceria que irá ser criada irá trazer vários benefícios em vários campos da instituição. O projeto, se é que não me engano, teoricamente aborda aspetos ligados à inovação. Acredito que existe aí um conjunto de ferramentas que a nossa instituição pode aproveitar para nestes dois campos, quanto a desenvolvimento e a inovação, poder crescer e sobressair.” (C7)*

Como podemos atestar, existiam tanto expectativas pessoais como institucionais para a participação no projeto, sendo que a investigação foi a área mais frequentemente mencionada como a principal motivação. Na secção seguinte exploramos as perceções dos *Champions* em relação às vantagens de terem participado no programa de capacitação internacional.

#### *As mais valias da capacitação*

As principais mais valias enunciadas pelos *Champions* nas entrevistas e grupo de discussão incluíram um vasto leque de aspetos, nomeadamente as parcerias que estabeleceram com investigadores Europeus, o desenvolvimento de novas ferramentas pedagógicas e o desenvolvimento de competências em empreendedorismo social, associadas às ferramentas transversais a que foram expostos.

No que diz respeito ao empreendedorismo social, foi uma área considerada particularmente útil para aumentar o impacto e alcance societal do trabalho dos *Champions* africanos:

*“Tivemos a oportunidade de saber olhar para o meio que nos rodeia, identificar os problemas chave e as formas de como podemos resolver os problemas dentro da nossa sociedade. Como procurar parceiros? Como olhar para os objetivos importantes? Como envolver a população para a resolução dos próprios problemas? Porque um dos estudos, um dos processos chave para resolução dos... é envolver a própria população para solucionar o problema que identificou.” (C4)*

Nesse sentido, foram realizadas visitas a projetos específicos associados ao empreendedorismo social, como

é o caso das cozinhas comunitárias de Lisboa, o que permitiu aos *Champions* identificar possibilidades para aumentar o impacto social das suas instituições académicas:

*“Agora, com a capacitação que eu recebi, que eu tive, já consigo fazer melhor para que o impacto seja também maior. Porque, havia coisas que eu realmente não tinha conhecimento (...) Não tinha conhecimento como desenvolver um projeto desses... Como agora as coisas já estão mais bem aclaradas, então agora já se consegue fazer ou já se consegue projetar uma coisa para ter um impacto maior. Porque nós tivemos a capacidade de ver algumas ações sociais que foram desenvolvidas aqui na área de Lisboa. As cozinhas comunitárias, exemplo.” (C3)*

Tendo em conta que os *Champions* trabalham como docentes em universidades africanas, a formação na área da pedagogia foi considerada benéfica para as suas carreiras, como se constata na seguinte afirmação:

*“Para o desenvolvimento da minha carreira... primeiro vai ser isso, porque facilitou-me um trabalho que eu vinha tendo das formações psicopedagógicas. Já tenho uma formação que cobre quase tudo e eu vi em dois meses muita coisa que tinha que ver em um ano. Consegui ver e no final do ano, será útil para progredir na carreira. Para a Universidade também é bom.” (C6)*

A capacitação na área pedagógica foi considerada particularmente útil para diminuir as taxas de reprovação: *“O aspecto que me chamou mais a atenção foi (...) a parte pedagógica. Identifiquei também como um problema que tem no departamento (...) que é (...) a reprovação massiva dos estudantes. Reprovam muito, muito no curso e tal, porque ...então, essa capacitação pedagógica... truques, das ideias, das formas como moldar o sistema, não é? Em verdade aprendi enormemente com isto.” (C2)*

Uma área considerada fundamental e particularmente benéfica pelos *Champions* foi a possibilidade de estabelecerem parcerias de investigação, associadas às visitas que realizaram às Universidades Europeias e a Unidades de Investigação em Lisboa, existindo a possibilidade de desenvolverem projetos colaborativos no futuro:

*“As mais valias que este projeto... eu diria que irá proporcionar, que já está a proporcionar... é a criação de parcerias com as unidades de investigação aqui. As oportunidades, se assim podemos considerar, nesta área que estamos a ter, é para a criação do projeto, informações acerca do financiamento de projetos, etc.” (C1)*

As parcerias foram, nesta fase inicial do projeto, estabelecidas informalmente entre os diferentes participantes e as instituições europeias. O próprio projeto UDI-A constitui uma parceria internacional Norte/Sul, e no grupo de discussão os *Champions* indicaram que espera-

vam que, no futuro, pudesse dar azo a novas parcerias Sul/Sul e Norte/Sul:

*“Nós estabelecemos parcerias exatamente como consequência do encontro de várias instituições, através do contacto entre os parceiros de outras instituições africanas. A par disso existem as parcerias a título individual, aquilo que referimos anteriormente, fomos atrás e conseguimos”* (C3)

O facto de estas parcerias terem sido, na maior parte dos casos, estabelecidas a título individual foi uma das críticas efetuadas pelos *Champions* ao programa de capacitação internacional, como iremos ver na secção seguinte.

#### *Limitações do processo de capacitação*

Nesta secção identificamos algumas das limitações indicadas pelos participantes em relação ao programa de capacitação internacional. Os *Champions* identificaram uma série de aspetos que eventualmente diminuíram o potencial sucesso do programa, tais como: a não adaptação dos conteúdos ao seu contexto local; uma excessiva incidência em ferramentas pedagógicas, ao invés de investigação; o facto de a área da saúde não ter sido devidamente explorada, privilegiando-se ferramentas transversais; a dificuldade em incorporar os conteúdos e abordagens nas suas instituições africanas; o facto de as parcerias estabelecidas terem uma dimensão informal e não vinculativa.

A primeira crítica diz respeito à aparente universalidade do programa de capacitação, ou seja, o facto de não ter existido uma ênfase suficiente na realidade dos países Africanos, pelo que um *Champion* sugeriu que se realizasse um “estudo de campo” para permitir uma adaptação dos programas aos contextos locais:

*“E eu acho que assim, desde o princípio o projeto foi desenhado para estes países, podia ter-se feito um pequeno estudo de campo sobre o que se passa lá. Como é que funciona lá? Ok, vamos criar projetos ou aulas ou...relacionados a que melhore isso... não que alterassem todo o plano do projeto, mas que fosse dentro do contexto.”* (C5)

A validade do empreendedorismo social também foi criticada, argumentando-se que para que um determinado problema social possa ser resolvido é necessário que exista uma inserção na comunidade, rejeitando-se uma abordagem universalista:

*“Uma ideia de empreendedorismo num local que não se entende qual é o contexto... qual é a relevância daquilo? Tem que se realmente medir estes aspetos antes de se implementar alguma ideia. Por isso se tem dito que para resolver um problema social, a pessoa tem que estar inserida, ou por muito ou*

*por pouco tempo, mas tem que estar inserida na comunidade. (...) As iniciativas sociais têm este fracasso, porque muitas das vezes entende-se muito pouco sobre o que realmente está a acontecer lá.”* (C7)

A aparente não adaptação dos conteúdos programáticos ao contexto dos participantes também se manifestou na excessiva incidência em ferramentas pedagógicas, ao invés de permitir aos *Champions* realizarem mais visitas a centros de investigação e colaborarem nas atividades de investigação científica em contexto laboratorial com parceiros Europeus. É essa a principal lacuna a que os CADIs visam responder, o que levou ao questionamento da excessiva incidência em dimensões pedagógicas e associadas ao empreendedorismo:

*“Nós estávamos à espera que tivéssemos...eu estava à espera fundamentalmente que um candidato que se propõe a criar um centro de investigação científica deveria passar maior tempo em investigação científica, não necessariamente em competências pedagógicas, competências transversais e empreendedorismo.”* (C1)

Esta aparente frustração foi partilhada pela quase totalidade dos *Champions* da área da saúde, que revelaram que gostariam de ter tido a oportunidade de colaborar de uma forma sistemática com investigadores em Portugal, ao invés de receberem tanta formação em metodologias pedagógicas:

*“A minha expectativa era mais numa vertente e nós acabámos por depois encontrar uma outra vertente. Por exemplo, nós acabámos... nós estávamos com mais expectativas pela área de saúde. Nós queríamos...tecnologia, genética essa coisa toda... Essa era a minha expectativa, mas quando lá chegamos foi mais na área académica. Foi mais na área curricular, na área pedagógica.”* (C3)

Este reforço das componentes pedagógicas e transversais, em detrimento da área da saúde, foi definitivamente um motivo de descontentamento entre os participantes:

*“Para ser sincero, quando cá viemos, em princípio nós tínhamos uma expectativa maior em relação à nossa área da saúde, nós queríamos uma coisa mais bem desenvolvida.”* (C3)

Para além deste desfasamento, ilustrado por uma insuficiente incidência em investigação científica e na área da saúde, os *Champions* também mostraram alguma preocupação com as resistências que irão encontrar por parte das suas instituições. No caso específico do PBL, um dos *Champions* sugeriu que, para além da sua instituição não estar preparada para levar a cabo a mudança, alguns dos professores iriam criar barreiras à implementação dessa nova abordagem metodológica:

*“A integração vai ser gradual (...) porque isso implica por*

*exemplo uma reestruturação muito grande na própria faculdade. Então, as instalações não estão preparadas. Estão preparadas para o método tradicional, os recursos, bibliotecas, internet... é muita coisa mesmo que tem que se ajustar. Que é pra vermos se...melhoramos... Há muita coisa que temos que... temos que...temos que mudar a mentalidade das pessoas. Principalmente a mentalidade das pessoas (...). O maior obstáculo vão ser alguns professores. Os professores mais velhos e... para eles o método tradicional está bem.”(C6)*

Esta resistência por parte das instituições locais também foi mencionada durante o grupo de discussão, tendo alguns *Champions* revelado que isso poderia causar problemas ao nível do acompanhamento do projeto:

*“Vamos pra lá...depois com quem vamos entrar em contacto para casos de alguma inquietação ou alguma questão de percurso? Precisamos de alguma coisa...a quem mando um e mail, a quem?”(C2)*

Finalmente, a maior limitação identificada pelos *Champions* prende-se com o facto de as parcerias terem sido estabelecidas informalmente, sem que tenha existido um acordo escrito com os investigadores Europeus. Os *Champions* mencionaram que, durante as visitas aos centros de investigação, os cientistas Europeus da área da saúde mostraram-se disponíveis para colaborar em projetos futuros; no entanto, não existiram resultados concretos, o que gerou alguma insatisfação. Como foi mencionado por alguns *Champions*, estas potenciais parcerias foram estabelecidas de forma informal, sem um comprometimento institucional:

*“Parcerias efetivas...efetivas não. Apenas algo de boca. Tipo: “olha se precisarem entrem em contacto conosco e nós vamos auxiliar, mas não é nada institucional”. (C5)*

Esta aparente inexistência de parcerias vinculativas indicia uma tensão entre, por um lado, um foco excessivo em formas de capacitação e, por outro lado, uma certa marginalização das parcerias, o que foi entendido pelos *Champions* enquanto uma assimetria entre académicos Africanos e Europeus, o que fez com que questionassem algumas das metodologias e abordagens subjacentes ao programa de capacitação internacional.

## Discussão e conclusões

Neste artigo refletimos acerca dos processos de capacitação e de construção de parcerias no âmbito do projeto UDI-A. Os dados foram recolhidos numa fase inicial do projeto e, nesse sentido, ainda é muito cedo para avaliar o impacto individual e institucional do UDI-A.

No entanto, recentemente um membro da equipa da NOVA- IHMT teve a oportunidade de apresentar os resultados do nosso estudo no Primeiro Congresso Internacional do projeto UDI-A em Luanda (no final de outubro de 2018), e os *Champions* reconheceram a importância do estudo de caso para identificar não só os potenciais impactos do projeto mas também algumas dimensões metodológicas e organizacionais que poderiam ser melhoradas ainda durante a implementação do projeto, adicionando a este estudo de caso uma dimensão de investigação-ação. [17] Nesse sentido, foi unânime o reconhecimento de que o desenvolvimento de estudos qualitativos de acompanhamento de iniciativas de capacitação permite atribuir visibilidade a alguns dos aspetos frequentemente ausentes das narrativas e literatura sobre as parcerias Norte/Sul. Apesar de alguns trabalhos já terem incidido sobre as perspetivas, visões e experiências dos participantes do Sul Global [18, 19, 20] consideramos que ainda existe um longo caminho a percorrer no que diz respeito à integração das vozes dos participantes nos processos de monitorização e avaliação das iniciativas de capacitação.

Apesar de reconhecermos que ainda estamos numa fase incipiente do projeto e do estudo de caso, julgamos que os resultados desta fase inicial podem servir para identificar algumas das limitações do projeto UDI-A e dos programas de capacitação Norte/Sul em geral, como sejam a distância entre os parceiros do Norte e do Sul e as dificuldades de comunicação regular, ou normas culturais distintas. [21, 22]

Nesse sentido, propomos três linhas de reflexão ainda nesta fase inicial mas que reforçam a importância do estudo de caso desenvolvido pela equipa do GHTM.

Em primeiro lugar, as experiências partilhadas pelos *Champions* revelam a importância de se levarem a cabo exercícios de identificação das prioridades locais antes de se desenvolverem os processos de capacitação, nomeadamente em relação a cada uma das áreas de intervenção. Este exercício foi realizado durante a fase de preparação do UDI-A; no entanto, julgamos que no futuro se poderia reforçar o processo de adaptação dos conteúdos às especificidades e expectativas dos participantes, recorrendo por exemplo a metodologias próximas da abordagem da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire [23], o que potencialmente poderia possibilitar também o desenvolvimento de parcerias de uma forma mais sistemática.

Em segundo lugar, é necessário reconhecer que uma visão universalista de “ferramentas transversais” ou de “empreendedorismo social” pode ignorar especificida-



des culturais, epistemológicas e sociais determinantes para a implementação de projetos sociais e para a obtenção do impacto desejado. [24] O repertório metodológico deve possibilitar aos participantes alterarem o projeto em função dos seus interesses, contextos locais e da evolução das próprias atividades de capacitação. Nesse sentido, o estudo desenvolvido pela equipa do GHTM assume especial relevância, pois permite analisar as narrativas dos *Champions* na primeira pessoa, ao mesmo tempo que o projeto UDI-A decorre, visando a integração das “vozes do Sul” de uma forma mais robusta no programa de capacitação. Consequentemente, as abordagens associadas à investigação-ação [17] podem contribuir para uma maior adequação a especificidades sociais, culturais e epistemológicas. Finalmente, e com base na experiência em mobilizar abordagens de investigação-ação no âmbito do UDI-A, regista-se a aspiração, por parte dos participantes Africanos, em assumirem um papel mais ativo na definição da direção e agenda dos programas de capacitação. Para se atingir este objetivo, seria necessário o desenvolvimento de formatos deliberativos que permitissem aos

*Champions* e formadores identificar aspirações, objetivos e agendas. Este Parlamento da Capacitação poderia, por exemplo, assumir o formato de um Fórum Deliberativo [25] que resultaria num *position paper* que sintetizaria as perceções e ambições elencadas pelos participantes, organizadores, financiadores e *stakeholders* dos exercícios de capacitação.

## Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer à coordenação do projeto UDI-A por nos ter facultado acesso às reuniões e a material relevante do projeto e por nos ter colocado em contacto com os *Champions*. A Doutora Rita Falcão foi incansável durante todo o processo. Este artigo não poderia existir sem as contribuições dos *Champions* que, apesar de uma agenda extremamente preenchida, se disponibilizaram para serem entrevistados e para participarem no grupo de discussão, possibilitando a realização do nosso estudo de caso.

## Bibliografia

- Craveiro I, Hartz Z. (2017). A equidade na investigação avaliativa com foco na cooperação em saúde para o desenvolvimento. *An. Inst. Hig. Med. Trop.* 16(2), 31-38.
- Edejer, T. T. T. (1999). North-South research partnerships: the ethics of carrying out research in developing countries. *BMJ: British Medical Journal*, 319(7207), 438.
- Smith, E., Hunt, M., & Master, Z. (2014). Authorship ethics in global health research partnerships between researchers from low or middle income countries and high income countries. *BMC Medical ethics*, 15(1), 42.
- Mayhew, S. H., Doherty, J., & Pitayarangarit, S. (2008). Developing health systems research capacities through north-south partnership: an evaluation of collaboration with South Africa and Thailand. *Health research policy and systems*, 6(1), 8.
- Nações Unidas (2018). Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável.” <https://www.ods.pt/objetivos/17-parcerias-para-desenvolvimento/?portfolio-Cats=24>
- Carvalho, A., Ijsselmuiden, C., Kaiser, K., Hartz, Z., & Ferrinho, P. (2018). Towards equity in global health partnerships: adoption of the Research Fairness Initiative (RFI) by Portuguese-speaking countries. *BMJ Global Health*, 3(5), e000978.
- Tenbruck FH. (1990). The dream of a secular ecumene: the meaning and limits of policies of development. *Theory Cult. Soc.*; 7(2-3), 193-206.
- Carvalho, A., Nunes, J., & Hartz, Z. (2017). Saúde para o desenvolvimento, parcerias de investigação e equidade: uma revisão de literatura. *Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical*, 16(2), 93-104.
- Bradley M. (2008). On the agenda: North-South research partnerships and agenda-setting processes. *Development in Practice* 18(6): 673-85.
- Larkan F, Uduma O, Lawal SA, Bavel B. (2016). Developing a framework for successful research partnerships in global health. *Glob Health* 12:17. Doi: 10.1186/s12992-016-0152-1
- Carvalho, A., Ijsselmuiden, C., Klipp, K., Ferrinho, P., & Hartz, Z. (2017). A implementação da Iniciativa para a Equidade na Investigação. *Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical*, 16(2), 11-20.
- COHRED. Research Fairness Initiative Summary Guide (2017). Available from: [http://rfi.cohred.org/wpcontent/uploads/2017/02/RFI\\_SummaryGuide\\_20170225\\_HiRes.pdf](http://rfi.cohred.org/wpcontent/uploads/2017/02/RFI_SummaryGuide_20170225_HiRes.pdf).
- World Health Organization (WHO). Capacity building and initiatives (2006). Available from: [http://www.who.int/tobacco/control/capacity\\_building/background/en/](http://www.who.int/tobacco/control/capacity_building/background/en/)
- Crisp, B. R., Swerissen, H., & Duckett, S. J. (2000). Four approaches to capacity building in health: consequences for measurement and accountability. *Health promotion international*, 15(2), 99-107.
- Vasquez, E. E., Hirsch, J. S., Giang, L. M., & Parker, R. G. (2013). Rethinking health research capacity strengthening. *Global public health*, 8(sup1), S104-S124.
- Bryman A. *Qualitative Research*. Leicester: Sage; 2007.
- Kemmis, S., & McTaggart, R. (2005). *Participatory action research: Communicative action and the public sphere*. London: Sage.
- Jentsch, B., & Pilley, C. (2003). Research relationships between the South and the North: Cinderella and the ugly sisters? *Social science & medicine*, 57(10), 1957-1967.
- Jentsch, B. (2004). Making Southern realities count: research agendas and design in North-South collaborations. *International Journal of Social Research Methodology*, 7(3), 259-269.
- Woodward, A., Fyfe, M., Handuleh, J., Patel, P., Godman, B., Leather, A., & Finlayson, A. (2014). Diffusion of e-health innovations in 'post-conflict' settings: a qualitative study on the personal experiences of health workers. *Human resources for health*, 12(1), 22.
- David S. Martin, Anna R. Craft & Harm Tillema (2002) International Collaboration: Challenges for Researchers, *The Educational Forum*, 66:4, 365-370, DOI: 10.1080/00131720208984856
- Sapag Jaime C., Herrera Andrés, Trainor Ruth, Caldera Trinidad & Khenti Akwatu (2013) Global mental health: transformative capacity building in Nicaragua, *Global Health Action*, 6:1, DOI: 10.3402/gha.v6i0.21328 <https://doi.org/10.3402/gha.v6i0.21328>
- Freire, P. (1968). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Steyaert, C., & Katz, J. (2004). Reclaiming the space of entrepreneurship in society: geographical, discursive and social dimensions. *Entrepreneurship & regional development*, 16(3), 179-196.
- Carvalho, António; Nunes, João Arriscado (2018). Assembling Upstream Engagement: The Case of the Portuguese Deliberative Forum on Nanotechnologies. *NanoEthics*, 12(2), 99-113.

## Conflitos de interesses:

Os autores declaram que não existem conflitos de interesses.